

Gás Natural

*Por Fernanda de Freitas Moraes**

A) DADOS GERAIS[22]

A produção do gás natural no mês de junho foi de 114,93 MMm³/dia, havendo um crescimento pelo terceiro mês consecutivo, de 2,7% em relação ao mês anterior. A oferta de gás nacional também aumentou em 9,2%, passando de 53,4 MMm³/dia para 58,3 MMm³/dia e o volume consumido foi de 87,8 MMm³/d, que gerou um aumento de 16,1% em relação a maio. O resultado foi uma alta de 31,9% em relação ao mês anterior para a importação de gás natural, de forma a equilibrar a oferta e a demanda energética. Maiores detalhes podem ser observados na Tabela 3.1.

Tabela 3.1: Contas Agregadas do Gás Natural (em MMm³/dia)

	jun-18	jun-18/mai-18	jun-18/jun-17	12 meses	mai-18	jun-17
Produção Nacional	114,9	2,7%	3,4%		111,9	111,1
Oferta de gás nacional	58,3	9,2%	**-5,9%**		53,4	61,9
Importação	34,3	31,9%	80,5%		26,0	19,0
Consumo	87,8	16,1%	12,6%		75,6	78,0

* Tendências nos últimos 12 meses
Fonte: Elaboração própria a partir de dados do MME.

[22] Os dados mensais explorados neste capítulo foram obtidos no Boletim Mensal de Acompanhamento da Indústria de Gás Natural do MME, disponível no link http://www.mme.gov.br/web/guest/secretarias/petroleo-gas-natural-e-combustiveis-renovaveis/publicacoes/boletim-mensal-de-acompanhamento-da-industria-de-gas-natural

B) PRODUÇÃO E IMPORTAÇÃO

A produção bruta de gás natural no Brasil mais uma vez apresentou aumento, passando de 111,9 MMm³/dia no mês de maio para 114,93 MMm³/dia no mês de junho – sendo que os três estados que mais produziram foram Rio de Janeiro, São Paulo e Amazonas. Da produção total, a parcela indisponível pelo mercado por reinjeção, queima, consumo interno em E&P e UPGN's foi de 56,67 MMm³/dia. Maiores detalhes se encontram apresentados na Tabela 3.2.

Tabela 3.2: Produção de Gás Natural (em MMm³/dia)

		jun-18	jun-18/mai-18	jun-18/jun-17	12 meses	mai-18	jun-17
Prod. Nacional Bruta		114,9	2,7%	3,4%		111,9	111,1
Produção Indisponível	Reinjeção	34,4	-4,9%	29,6%		36,2	26,6
	Queima	4,2	0,7%	-7,8%		4,1	4,5
	Consumo interno em E&P	13,4	-1,8%	0,2%		13,7	13,4
	Absorção em UPGN's	4,7	2,6%	-2,3%		4,5	4,8
	Subtotal	56,7	-3,2%	15,1%		58,5	49,2
Oferta de gás nacional		**58,3**	9,2%	-5,9%		**53,4**	**61,9**
Ofert nacional/Prod. Bruta		50,7%	6,3%	-9,0%		47,7%	55,7%

* Tendências nos últimos 12 meses
Fonte: Elaboração própria a partir de dados do MME.

A oferta de gás natural disponibilizada em junho foi a segunda maior deste ano. A primeira ocorreu em janeiro, quando chegou a 60,7 MMm³/dia. A oferta disponibilizada representa o volume produzido nos campos nacionais que foram destinados ao mercado após a retirada da parcela indisponível.

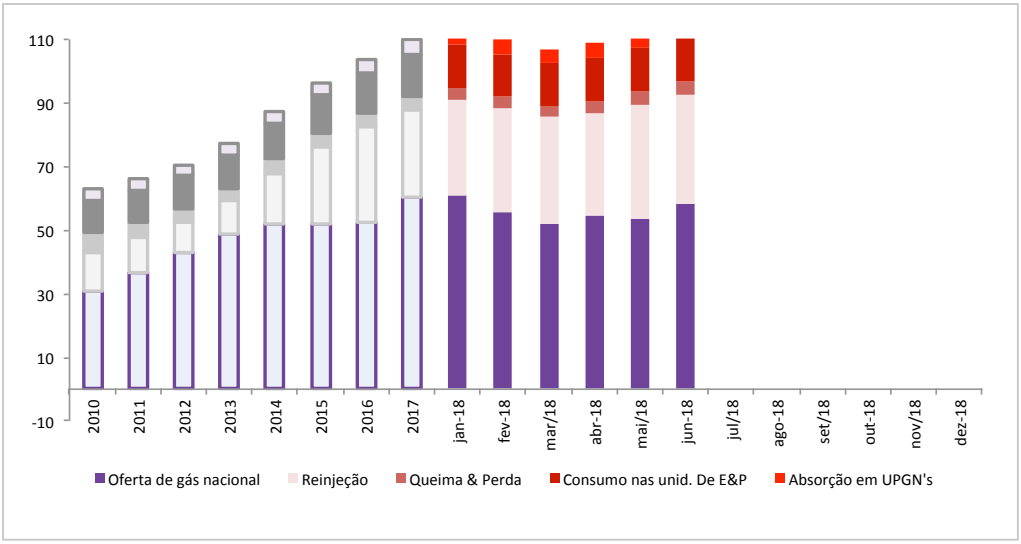
Cabe destacar também que, no mês de junho entrou em operação o FPSO Cidade de Goytacazes, no campo de Tartaruga Verde. O FPSO tem capacidade de processar diariamente até 150 mil barris de petróleo e 3,5 milhões de metros cúbicos de gás e de compressão de 5 milhões de metros cúbicos de gás.

Além disso, um importante sinal para o mercado, de acordo com a Petronotícias[23], a ANP autorizou a construção dos trechos marítimo raso e terrestre do gasoduto do projeto da Rota 3, que tem como objetivo escoar a produção do polo do pré-sal da Bacia de Santos para o complexo petroquímico do Rio de Janeiro (COMPERJ). Ao todo, a linha terá aproximadamente 355 km de extensão total, sendo 307 km referentes ao trecho marítimo e 48 km relativos ao terrestre, com uma vazão de cerca de 18 milhões de m³ de gás natural por dia. Ao que tudo indica, a retomada do COMPERJ vai caminhando, ainda que a passos lentos. O projeto do Rota 3 engloba também a Unidade de Processamento de Gás Natural (UPGN) da refinaria.

O Gráfico 3.1 apresenta o segmento da oferta nacional e a produção indisponível. É possível observar o crescimento na oferta no mês de junho.

23 https://petronoticias.com.br/archives/116693

Gráfico 3.1: Produção nacional bruta (em MMm³/dia)

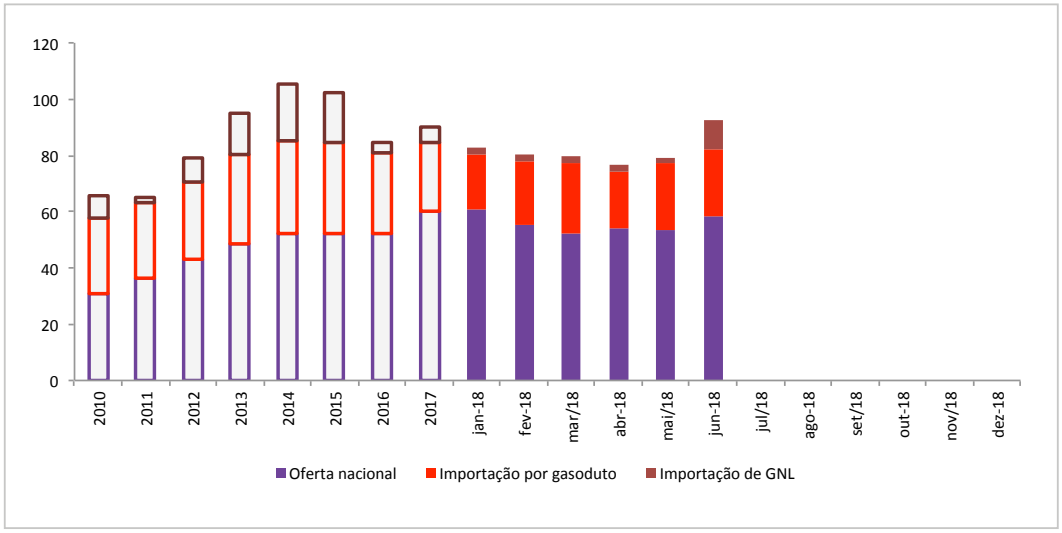


Fonte: Elaboração própria a partir de dados do MME.

Analisando o Gráfico 3.2, verifica-se a oferta total de gás no mercado nacional, mostrando o aumento na oferta nacional e na importação de GNL em virtude do aumento do consumo energético.

Analisando o volume de gás natural importado em junho, houve um grande acréscimo de regaseificação do GNL em relação ao mês anterior, 10,1 MMm³/dia, considerando que em maio o volume foi de 1,8 MMm³/dia. Essa ampliação é reflexo do aumento do despacho de termelétricas no período, que impactou na elevação da importação. A elevação do consumo se deu, de acordo com o MME, principalmente para atender os sistemas isolados. Na Tabela 3.3 é possível a comparação com o ano anterior e o volume total importado.

Gráfico 3.2: Oferta de gás natural no Brasil (em MMm³/dia)



Fonte: Elaboração própria a partir de dados do MME.

Tabela 3.3: Importação de Gás Natural (em MMm³/dia)

	jun-18	jun-18/mai-18	jun-18/jun-17	12 meses	mai-18	jun-17
Gasoduto	24,2	-0,1%	48,8%		24,2	16,2
GNL	10,1	459,7%	267,0%		1,8	2,8
Total	34,3	31,9%	80,5%		26,0	19,0

* Tendências nos últimos 12 meses
Fonte: Elaboração própria a partir de dados do MME.

A importação de gás natural de origem boliviana permaneceu estável em 24 MMm³/dia, aumentando a regaseificação de GNL. A regaseificação ocorreu nos terminais de Pecém (1,6 MMm³/dia) e da Bahia (8,6 MMm³/dia). O terminal da Baía de Guanabara se manteve fora de operação.

De acordo com a Brasil Energia[24], a Unidade flutuante de regaseificação do Porto de Açu encomendada pela Gás Natural Açu (GNA Açu) está prevista para ser entregue em março de 2019 pelo estaleiro sul-coreano DSME, orçado em R$ 325 milhões. Com capacidade para regaseificar 21 milhões de m³/d e armazenar 174 mil m³/d de gás, o terminal terá como principais consumidores as termelétricas GNA Açu I e II, cuja capacidade total instalada será de 3 GW. As UTEs começarão a operar no complexo portuário e industrial entre os anos de 2021 e 2023.

A operação de transferência de GNL do navio carregador para a FSRU será efetuada na modalidade *ship-to-ship*, em que as embarcações ficam atracadas a contrabordo. A importação do produto ocorrerá periodicamente conforme as necessidades do sistema elétrico brasileiro. A duas UTEs são parte da primeira fase do Açu Gás Hub, que prevê investimentos da ordem de R$ 7 bilhões. A 2ª fase prevê até três termelétricas adicionais, alinhadas com a capacidade de geração de energia licenciada pela GNA, de 6,4GW, o que permite o desenvolvimento de projetos termelétricos adicionais no futuro.

C) CONSUMO

O volume de gás natural consumido no país apresentou aumento de 16,1% no mês de junho, sendo consumido um total de 87,8 MMm³/dia, como é possível observar na Tabela 3.4. O setor automotivo e o comercial tiveram uma pequena queda no consumo. O destaque é no segmento termelétrico, que obteve alta de 37,9% no consumo, sendo este de 34,9 MMm³/d, onde as usinas com maior aumento na geração estão localizadas na região Sudeste do país, e na cogeração, com aumento de 15,5% referente ao mês anterior.

Tabela 3.4: Consumo de Gás Natural (em MMm³/dia)

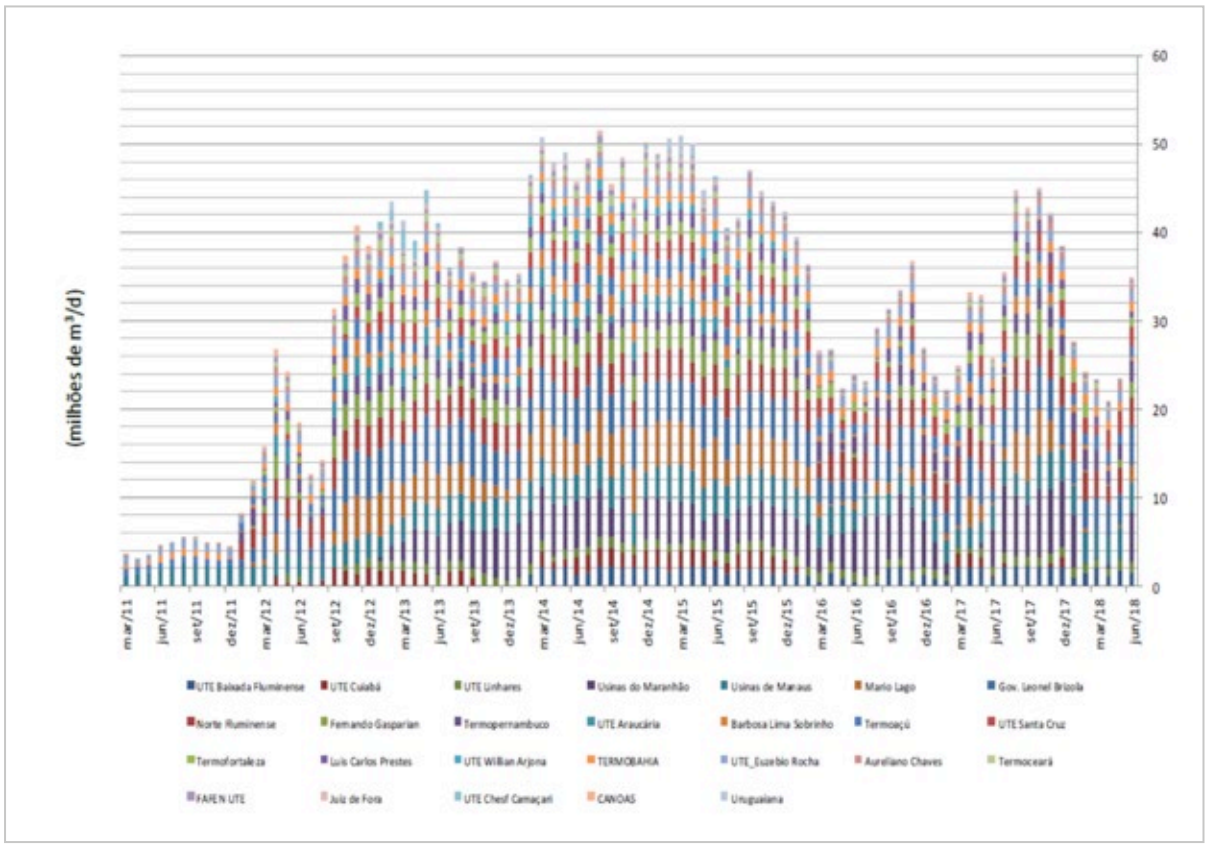
	jun-18	jun-18/mai-18	jun-18/jun-17	12 meses	mai-18	jun-17
Industrial	41,1	5,1%	-1,6%		39,1	41,7
Automotivo	5,9	-0,7%	13,6%		6,0	5,2
Residencial	1,5	14,0%	5,8%		1,3	1,4
Comercial	0,8	-2,4%	3,7%		0,9	0,8
GEE	34,9	37,9%	35,5%		25,3	25,8
Cogeração	3,1	15,5%	21,4%		2,7	2,5
Total	87,8	16,1%	12,6%		75,6	78,0

* Tendências nos últimos 12 meses
Fonte: Elaboração própria a partir de dados do MME.

[24] https://bepetroleo.editorabrasilenergia.com.br/fsru-do-porto-do-acu-pronta-em-2019/

Esse aumento do consumo, é influenciado pelo considerável incremento da geração de energia termelétrica, especificamente do aumento de geração da Usina do Complexo Parnaíba (Maranhão), Mário Lago (Rio de Janeiro), Fernando Gasparian (São Paulo), Governador Leonel Brizola (Rio de Janeiro) e Termofortaleza (Ceará). Essa geração veio do incremento da oferta importada. A Figura 3.1 mostra o histórico de consumo de gás natural do segmento termelétrico dividido por usinas termelétricas desde 2011.

Figura 3.1: Consumo de Gás Natural por Usina Termelétrica



Fonte: MME (2018)

Ainda de acordo com a Brasil Energia[25], a realização de leilões específicos de térmicas a gás, em substituição às térmicas a óleo, pode permitir ao país uma economia de R$ 5 bilhões ao ano. Isto porque as usinas a gás têm preços mais competitivos na comparação com os das usinas a óleo e oferecem maior confiabilidade à segurança energética.

A confiabilidade energética é uma vantagem da adoção de térmicas a gás. Os desligamentos no fornecimento, ocasionados por falhas no Sistema Interligado Nacional, provocam insegurança energética, exigindo o acionamento de térmicas a óleo. Prova disso foi o desligamento da linha de transmissão da hidrelétrica de Belo Monte, em março deste ano, que provocou o apagão de energia em 13 estados do Nordeste.

25 https://brasilenergia.editorabrasilenergia.com.br/leiloes-de-termicas-a-gas-podem-trazer-economia-de-r-5-bi-ao-ano/

Quanto à opção pelo uso do GNL e não pelo gás proveniente do pré-sal para abastecimento das térmicas, acredita-se que a escolha se deve pelas dúvidas ainda existentes sobre o tempo necessário para que o gás vindo do pré-sal possa ser considerado como opção de fornecimento e em grandes montantes.

Avaliando o Custo Marginal de Operação (CMO) e comparando os meses de maio e junho de 2018, o CMO médio aumentou de 201 para 427 R$/MWh. Como consequência desse incremento, a geração termelétrica mensal a gás natural passou de 2,95 para 4,39 mil GWh, o que corresponde a um aumento de 48,8%.

De acordo com a Abegás[26], no balanço do primeiro semestre de 2018, o consumo de gás natural no Brasil teve um crescimento médio de 6% comparado ao primeiro semestre do ano anterior. Foram consumidos 61,2 milhões de metros cúbicos/dia na média do acumulado do semestre ante 57,7 milhões de metros cúbicos/dia de igual período em 2017.

Os destaques do 1° semestre do ano foram a alta de 3,8% no consumo industrial e de 10,8% no segmento automotivo. Segundo Salomão, presidente da Abegás, depois de um período de retração da atividade econômica vivida pelo País, o consumo de gás natural segue em crescimento, mesmo com influência da paralisação dos caminhoneiros no final de maio e as paradas durante os jogos da seleção brasileira na Copa do Mundo, fatores que afetaram a produção industrial. Esse crescimento também tende a ser mais significativo para GNV, com o aumento da procura pelas conversões de veículos observada a partir da crise de abastecimento de combustíveis líquidos decorrente da paralisação dos caminhoneiros. A competividade frente aos combustíveis líquidos e a segurança na disponibilidade têm levado cada vez mais consumidores a aderir ao GNV.

D) PREÇOS

Avaliando o preço do gás natural no mercado internacional, foi observada alta em todos os preços analisados. A maior variação de preço ocorreu no GNL do Japão, com acréscimo de 11,2% em relação a maio, o maior preço dos últimos 12 meses. O Henry Hub registrou aumento novamente, dessa vez de 1,2%, fechando em 2,9 US$/MMBTU. Já o preço no NBP, teve aumento de 2,7%, fechando em 7,3 US$/MMBTU, como é possível observar na Tabela 3.5.

[26] https://www.abegas.org.br/portal/?p=68203

Tabela 3.5: Preços Nacionais e Internacionais (em US$/MMBTU)

		jun-18	jun-18/mai-18	jun-18/jun-17	12 meses	mai-18	jun-17
Henry Hub		2,9	1,2%	-2,7%		2,9	3,0
GNL no Japão		10,4	11,2%	24,9%		9,4	8,4
NBP*		7,3	2,7%	61,7%		7,1	4,5
GNL no Brasil **		6,5	-22,2%	15,2%		8,3	5,6
Gás Importado no Brasil ***		6,7	-1,5%	13,3%		6,8	5,9
PPT ****		4,4	2,8%	1,1%		4,3	4,3
No City Gate		7,2	-4,8%	-2,8%		7,5	7,4
Preços das distribuidora ao consumidor final (Ref: Brasil)	GNV	13,2	-2,3%	-31,7%		13,6	19,4
	Indústria - 2.000 m³/dia *****	15,6	-2,7%	2,0%		16,0	15,3
	Indústria - 20.000 m³/dia *****	13,6	-2,4%	2,2%		13,9	13,3
	Indústria - 50.000 m³/dia *****	13,1	-2,3%	2,5%		13,5	12,8

* Tendências nos últimos 12 meses

Fonte: Elaboração própria a partir de dados do MME e Banco Mundial. Deflatores: IPCA; CPI; CPI Japão; CPI Alemanha; CPI Rússia
** National Balancing Point (UK) *** Preço FOB **** Preço para as Distribuidoras (inclui transporte)
***** não inclui impostos ****** preços c/ tributos

Já para o preço do GNL no mês de junho, houve uma retração considerável no preço de GNL no Brasil de 22,2%. Queda também no preço do gás importado via gasoduto no Brasil, sendo comercializado a 6,7 US$/MMBTU.

Para o gás natural enviado pela Petrobras às distribuidoras, este foi entregue no citygate com queda de 4,8% em relação ao mês de maio, a 7,2 US$/MMBTU, e no Programa Prioritário Termelétrica houve aumento de 2,8%, sendo comercializado a 4,4 US$/MMBTU.

Já o preço das distribuidoras para o consumidor final, houve queda para o consumidor industrial em todas as faixas de consumo e para GNV. Apesar da redução ser de em média 2%, esses são os menores preços nos últimos 12 meses. O valor do GNV foi de 13,2 US$/MMBTU. E para a indústria com o consumo de 2.000 m²/d, 20.000 m²/d e 50.000 m²/d o valor foi de 15,6 US$/MMBTU, 13,6 US$/MMBTU e 3,1 US$/MMBTU, respectivamente.